

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Serviço de Música

ENCONTROS DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA

GRANDE AUDITÓRIO, Terça-feira, 28 de Junho de 1977 - 18.30 h.

P R O G R A M A

- L.FERRERO Romanza senza parole *
para dez instrumentos
- S.SCIARRINO Quintettino
para clarinete e quarteto de arcos *
- M.PANNI Déchiffrage
para dois pianos, órgão, trompa, trombone e
violoncelo *
- T.MARCO L'invitation au voyage
para recitante, soprano, três clarinetes,
piano e percussão *
- J.A.BLIN Profils
para clarinete, trompete, trombone, violon-
celo e percussão *
- F.PENNISI Sylvia Simplex (Ornitoscopia)
peça cênica para um conferencista, projecções
diafotográficas e cinematográficas, soprano e
orquestra de câmara *

PATRIMONIO UC

CONJUNTO TEATROMUSICA

Director: Marcello Panni

Elise Ross, soprano

Carlos de Carvalho, recitante

Mario Ancillotti, flauta. Gianfranco Pardelli, oboé.
Alberto Fusco, clarinete piccolo. Ciro Scarponi, cla-
rinete. Mario Salotti, clarinete baixo. Sergio Roma-
ni, fagote. Franco Traverso, trompa. Leonardo Nicosia,
trompete. Gaspere Licciardone, trombone. Fabio Marcon-
cini, percussão. Massimiliano Damerini, Carlo Levi
Minzi, pianos. Alessandro Licata, órgão e harmonium.
Riccardo Pellegrino, Raoul Mancuso, violinos. Emanuele
Catania, viola. Luigi Lanzillotta, violoncelo. Raffaello
Majoni, contrabaixo.

* Primeira audição em Portugal

NOTAS EXPLICATIVAS

LORENZO FERRERO - "Romanza senza parole"

LORENZO FERRERO nasceu em Turim, em 1951. Fez estudos musicais primeiro como autodidacta, depois com Massimo Bruni e Enore Zaffiri. Licenciou-se em Letras em 1974, com uma tese sobre o pensamento de Cage. Publicou estudos sobre o sintetizador. Como executante deste instrumento, faz parte do grupo Dia-Licht-Film-Galerie de J.A.Riedl. Composições mais recentes: "Ghost Tantra", para voz e 10 sintetizadores (Bona, 1975); "Siglied" para orquestra de câmara (Metz, 1975); "Der dreimalige Akkord" para quarteto de sopros (Paris, 1976); "Le néant où l'on ne peut arriver" para solos, coro e orquestra (Graz, 1977); "Arioso" para grande orquestra e instrumentos electrónicos (Francfort, 1977).

"Romanza senza parole" para 10 instrumentos. Seguindo literalmente o significado do título, é uma romanza sem canto. Uma única nota, com o simples valor de sinal: o "lá" do diapasão. Acompanham-na diversas figuras continuamente variadas, num diverso contexto harmónico. Primeiro sobrepostas, depois progressivamente isoladas, como que inesperadas, restos de canto... ou de cânticos. O contexto harmónico é dado pelas nove séries naturais, superiores e inferiores, dos sons harmónicos (construídas a partir de outros tantos graus da escala cromática temperada) em que aparece a nota "lá". Pela sua posição nas séries harmónicas, muitos sons ouvem-se, em diversa medida, em "crescendo" ou em "diminuendo". Do termo "romanza" pretendeu guardar-se a intenção amorosa... Esta obra foi estreada na Bienal de Veneza, em 30 de Agosto de 1976, pela Orquestra Webern sob a direcção de Marcello Panni.

LORENZO FERRERO

SALVATORE SCIARRINO - "Quintettino"

O siciliano SALVATORE SCIARRINO, nascido em Palermo em 1947, é essencialmente um autodidacta. As suas primeiras composições datam de 1959. No entanto, o autor considera as anteriores a 1966 como obras de pura formação. Sciarrino foi distinguido com os seguintes prémios: Taormina (1971); Guido Monaco (1972); Cassadó (1974); SIMC (1974). É professor de Composição no Conservatório de Milão. Entre as suas obras, contam-se: "Amore e Psiche" para dois sopranos, mezzo-soprano coloratura, contrateno, 4 declamadores e orquestra (1972); "Fantasia" para coro e quarteto de cordas (1976); "Berceuse" (1967) e "Da a da da" (1970) para orquestra sinfónica; "Variazioni" para violoncelo e orquestra (1974); "Concerto" para piano e orquestra (1976); "Grande Sonata da Camera" para pequena orquestra (1972); "Di Zefiro e Pan", poemeto para 10 instrumentos de sopro (1976); além de cerca de duas dezenas de obras para instrumentos solo ou pequenos agrupamentos instrumentais.

"Quintettino" para clarinete e quarteto de cordas. Escrito para o agrupamento Anton Webern da Bienal de Veneza, e aí estreado em Setembro de 1976, é a minha composição mais recente. Se o efectivo instrumental desta obra, de tipo mozartiano, induz a vossa imaginação ao diálogo, à simetria harmónica, a vossa expectativa não

será defraudada. Aqui, com efeito, a música une aos pares os instrumentos do quarteto, não dando ao clarinete uma função solística, mas colocando-o em pleno cerne do conjunto instrumental. Embora dúctil, a linguagem não se abstém de certas coisas estranhas: o Quintettino conclui com um final bizarro.

SALVATORE SCIARRINO

MARCELLO PANNI - "Déchiffrage"

M. PANNI (ver biografia em Notas biográficas dos intérpretes)

"Déchiffrage" - No inverno passado, ao passar por um alfarrabista de segunda ordem, junto do histórico castelo de Praga, encontrei doze folhas não numeradas de um texto musical. A presença de alguns números, sobrepostos à notação bem conhecida sobre as cinco linhas da pauta, levou-me a supor tratar-se de música de corte da transição do século XVIII para o XIX, escrita segundo a técnica do baixo contínuo. Não possuindo nenhuma indicação referente ao tipo e número dos instrumentos que deveriam usar-se, a presente execução pretende ser apenas uma reconstrução aproximada do modo como esta música soaria num concerto daquela época.

MARCELLO PANNI

PATRIMONIO UC

TOMÁS MARCO - "L'invitation au voyage"

T. MARCO (ver biografia no programa de 22 de Junho às 21H30)

"L'invitation au voyage" - Esta obra foi composta em 1971 numa versão radiofónica e transformada em peça de concerto, mediante sugestão da cantora Jane Manning. A estreia teve lugar no México, sob a regência do autor.

O título é extraído de Baudelaire, mas o núcleo principal dos textos utilizados provém do "Bateau ivre" de Rimbaud. Em torno deste aparecem outros textos em diversas línguas, grande parte deles de entre os mais conhecidos das respectivas literaturas. A música emprega várias formas de articulação e vários excertos sonoros que criam diferentes estados anémicos. A palavra "viagem" assume diversos sentidos: pode significar tanto uma viagem mental e espiritual como caminhada para a morte ou o itinerário percorrido sob a acção dos alucinogéneos. Esta obra está também relacionada com a situação espanhola à data da composição.

TOMÁS MARCO

JUAN ALLENDE-BLIN - "Profils"

J. ALLENDE-BLIN, compositor de origem espanhola e francesa, nasceu em 1928, em Santiago do Chile. Estudou composição com o seu tio Humberto Allende-Saron, que era amigo de Debussy, e Frederick Focke, antigo aluno de Anton Webern. Fez ainda estudos de Matemática e Arquitectura.

Em 1951, Allende-Blin chega pela primeira vez à Europa, assiste aos cursos de Olivier Messiaen em Darmstadt, estuda em Detmold e Hamburgo, e trava conhecimento com o jovem Gerd Zacher. Depois desta época, o órgão assume uma importância decisiva na produção do compositor. Já a sua primeira obra para órgão, "Transformations", que data de 1952, ultrapassa as estruturas do sistema dodecafónico convencional. "Mein blaues Klavier" ("O meu piano azul") explora todas as possibilidades do instrumento, incluindo o realejo. O caminho prossegue até "Prairie des orgues". Música para todos, música ao ar livre, libertada dos caprichos de certos intérpretes, sem o ritual das salas de concertos. A "prairie des orgues" torna efectiva as relações entre a música e a arte visual, deixando intacto o carácter meditativo da música.

JOHANNES K. GLAUBER

Obras de Juan Allende-Blin: "Transformations" para piano, instrumentos de sopro, celesta e percussão; "Transformations" para órgão; "Transformations" para instrumentos de percussão; "Transformations" para piano; "Distances" para flauta, vibrafone, harpa e percussão; "Echelons (Sonorités - Arrêtage - Sons brisés)" para órgão; "Profils" para clarinete, trompete, trombone, violoncelo e percussão; "Mein blaues Klavier" para órgão e realejo; "Erratum musical de/ pour/ sur Marcel Duchamp par Juan Allende-Blin" para soprano, contralto, barítono e 3 coros; "Souffle" para pequeno coro, grande coro e projecções; "La prairie des orgues", música ao ar livre para kinetofones (em colaboração com o pintor Hermann Markard); "Les voies de la voix", colagem sonora com a voz de Michel Seuphor; etc. "Profils" foi composto em 1965, e é dedicado a Lothar Schreyer (1886-1966), poeta e pintor alemão, professor na Bauhaus.

FRANCESCO PENNISI - "Sylvia Simplex" (Ornitoscopia), obra cénica para um conferencista, projecções diafotográficas e cinematográficas, soprano e orquestra de câmara incluindo flauta, oboé, clarinete, clarinete baixo, fagote, trompa e percussão, harmónio, celesta e quarteto de cordas.

F. PENNISI - Aluno de Robert W. Mann em Roma, e um dos fundadores do grupo "Nuova Consonanza" (1963), PENNISI conquistou notoriedade com obras de feitura singular, como "A cantata on Melancholy" (1967), "Fossile" (1966), "Choralis cum figuris" (1968), "A tempo comodo" (1970, que prevê o metrónomo entre os instrumentos a utilizar), "Note e paragrafi sull'Op.15".

"Sylvia Simplex" - Sobre esta obra, composta em 1971 e estreada no Festival de Veneza do ano seguinte, escreveu o autor: "Palavras, imagens, música. Estes "materiais" concorrem para realizar um exemplo de teatro estático em que, desaparecidos substancialmente o movimento dos actores e a mímica, a acção é dada pelas imagens projectadas para ilustrar a conferência de um ornitologista que afinal o não é. As imagens que ilustram esta "ficção" são uma centena de diapositivos e um filme de "anemic cinema". O texto,

escolhido como suporte meramente convencional, nos limites extremamente precários do "non sense", é uma conversa sobre algumas espécies de aves. A música que acompanha ou interrompe a conferência, apesar da sua autonomia, pode ter uma função crítica, ao ser confrontada com o texto, fazendo reagir a falsa consciência ecológica. Que conste que esta música não pretende ser música programática ou naturalista. Além de uma breve introdução, as intervenções musicais são quatro, duas das quais com a voz".

FRANCESCO PENNISI

Texto da "Canzone Prima"

Sylvia Simplex
 Parus Ater
 Parus Caeruleus
 Larus Fuscus
 Gavia Stellata
 Fùlica Atra
 Vanellus Vanellus
 Turdus Musicus
 Amser Fabialis
 Hirundo Rustica
 Cractes Infaustus
 Athene Noctus
 Crocethia Alba
 Dàfila Acuta
 Sylvia Nisoria

 Texto da "Canzone Seconda"
 (di Nemi D'Agostino)

Nei cieli dei deserti trascina
 la sua fame
 la fenice immortale
 saetta gli occhi d'avvoltoio
 tra le palme
 immobili ai suoi passaggi
 condannata a sdegnare
 comuni carogne o miraggi.

PATRIMONIO UC